

**NARRATIVAS DE MÉDICAS NEGRAS
SOBRE SEU PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO: cor da pele,
cabelo e resistência**

**NARRATIVES OF BLACK DOCTORS
ABOUT THEIR SCHOOLING
PROCESS: skin color, hair and
resistance**

**NARRATIVAS DE MÉDICAS NEGRAS
SOBRE SU PROCESO EDUCATIVO:
color de piel, cabello y resistencia**

Resumo: Este artigo busca contribuir com as reflexões acerca da importância de se discutir as relações étnico raciais ao apresentar narrativas de experiências escolares de médicas negras que vivenciaram situações de racismo estrutural, durante toda a trajetória escolar, incluindo o curso superior em medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essas narrativas foram produzidas em uma pesquisa de Mestrado que investigou processos de subjetivação de cinco mulheres negras e pobres que ingressaram no curso de medicina no ano de 2009 concluindo-o no ano de 2014. A pesquisa que dá base a este artigo opera com conceitos foucaultianos, em especial os modos de subjetivação. Como metodologia foram utilizadas as entrevistas narrativas, entendidas como uma técnica para produção de informações de pesquisa por meio de uma conversa, a partir de alguns eixos estruturantes. O argumento deste artigo é o de que o corpo negro é o alvo sobre o qual incidem as relações de poder que se referem ao racismo. Assim, para produzir modos de subjetivação, as médicas precisaram ressignificar esse corpo (particularmente no que concerne ao cabelo negro e à cor da pele), fazendo com que ele ocupasse um lugar social historicamente negado ao corpo negro. Nesse processo, elas desestabilizam as relações de poder, criam resistências e produzem outros modos de ser.

Palavras-chave: Relações étnico raciais. Mulheres negras. Ensino superior.

Recebido em: 18/04/2022

Aceito em: 29/04/2022

Publicação em: 30/04/2022



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i1.62844

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Ieda Marisa Trindade Moreira de Abreu

Mestre em educação

Universidade Federal de Minas Gerais,
Brasil.

E-mail: iedamtmbreu66@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5813-8502>

Maria Carolina da Silva Caldeira

Doutora em Educação

Universidade Federal de Minas Gerais,
Brasil

E-mail: mariacarolinasilva@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0668-1989>

Como citar este artigo:

ABREU, I. M. T. M.; CALDEIRA, M. C. S. NARRATIVAS DE MÉDICAS NEGRAS SOBRE SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: cor da pele, cabelo e resistência. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i1.62844>.

Abstract: This article seeks to contribute to the reflections on the importance of discussing ethnic-racial relations by presenting narratives of school experiences of black doctors who experienced situations of structural racism throughout their school trajectory, including the higher course in medicine at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). These narratives were produced in a Master's research that investigated processes of subjectivation of five black and poor women who entered the medical course in 2009 and concluded it in 2014. The research that supports this article operates with Foucauldian concepts, especially the modes of subjectivation. As a methodology, narrative interviews were used, understood as a technique for producing research information through a conversation, based on some structuring axes. The argument of this article is that the black body is the target on which the power relations that refer to racism focus. Thus, in order to produce modes of subjectivation, the doctors needed to re-signify this body (particularly with regard to black hair and skin color), making it occupy a social place historically denied to the black body. In this process, they destabilize power relations, create resistance and produce other ways of being.

Keywords: Ethnic-racial relations. Black women. University education.

Resumen: Este artículo busca contribuir a las reflexiones sobre la importancia de discutir las relaciones étnico-raciales mediante la presentación de narrativas de experiencias escolares de médicos negros que vivieron situaciones de racismo estructural a lo largo de su trayectoria escolar, incluido el curso superior de medicina en la Universidad Federal de Minas Gerais. (UFMG). Estas narrativas fueron producidas en una investigación de Maestría que investigó procesos de subjetivación de cinco mujeres negras y pobres que ingresaron a la carrera de medicina en 2009 y la concluyeron en 2014. La investigación que sustenta este artículo opera con conceptos foucaultianos, especialmente los modos de subjetivación. Como metodología se utilizó la entrevista narrativa, entendida como una técnica de producción de información de investigación a través de una conversación, a partir de unos ejes estructurantes. El argumento de este artículo es que el cuerpo negro es el blanco sobre el que se centran las relaciones de poder que remiten al racismo. Así, para producir modos de subjetivación, los médicos necesitaban resignificar este cuerpo (particularmente en lo que se refiere al pelo negro y al color de la piel), haciéndolo ocupar un lugar social históricamente negado al cuerpo negro. En este proceso, desestabilizan las relaciones de poder, crean resistencias y producen otras formas de ser.

Palabras-clave: Relaciones étnico-raciales. Mujeres negras. Enseñanza superior.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca contribuir com as reflexões acerca da importância de se discutir as relações étnico raciais ao apresentar relatos de experiências escolares de médicas negras que vivenciaram situações de racismo estrutural, durante toda a trajetória escolar, incluindo o curso superior em medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O racismo é considerado, segundo a Constituição Federal Brasileira de 1988, crime inafiançável e imprescritível. Almeida (2018) afirma que o racismo estrutural, como o próprio nome indica, estrutura a nossa sociedade, fazendo com que pessoas brancas gozem de certos privilégios, mantendo inalteradas as relações de poder no que se refere à raça e etnia. Os relatos das experiências apresentadas neste artigo mostram elementos desse racismo atuando na educação, em diferentes níveis de ensino. Eles foram produzidos em uma pesquisa de Mestrado que investigou processos de subjetivação de cinco mulheres negras e pobres que ingressaram no curso de medicina no ano de 2009¹, concluindo-o no ano de 2014.

O curso de medicina é, de modo geral, frequentado por um grande número de alunos oriundos de classe social economicamente favorável, em sua maioria de cor de pele branca e do sexo masculino. Os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 apontam que, entre estudantes de 25 a 44 anos, o número de mulheres brancas com ensino superior completo (23,5%) é 2,3 vezes maior do que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%). O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

¹ Esse recorte de tempo de 2009 foi utilizado, pois no ano anterior (2008), a UFMG adotou a política de bônus que foi aplicada a partir do vestibular de 2009. Por meio dessa política, os alunos oriundos de escolas públicas recebiam um bônus de 10% em sua nota no vestibular e mais 5% para os alunos que, na mesma condição, se declarassem negros.

Educacionais Anísio Teixeira² (INEP), por sua vez, apresenta dados extraídos do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)³ de 2016,⁴ no qual 195.757 estudantes realizaram a prova em todos os estados brasileiros. No quesito cor, os dados mostram que 51,7% se declararam brancos; 35,1%, pardos; 8,6%, pretos. Em relação aos estudantes concluintes por área, no quesito raça/cor, o curso de medicina teve 68,2% de concluintes brancos, 23,1% de pardos e 3,0% de pretos. Nesse sentido, o curso de medicina evidencia o racismo estrutural que existe em nossa sociedade, já que é muito difícil que uma pessoa negra acesse a essa graduação.

A pesquisa que dá base a este artigo opera com conceitos foucaultianos, particularmente com o conceito de processos de subjetivação, que são “os diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p.231). A hipótese inicial do estudo foi de que essas mulheres negras e pobres para acessarem, permanecerem e concluírem o curso superior de medicina em uma universidade pública realizaram processos de subjetivação se constituindo como sujeitos em seus enfrentamentos aos preconceitos e discriminações raciais e de classe. Ao analisar os relatos, foi possível perceber que, de fato, essas médicas empreenderam lutas contra as relações de poder vigentes, sobretudo no que se refere ao modo como seus corpos eram percebidos nos espaços relacionados à medicina, produzindo-se como médicas que problematizam o racismo estrutural existente na sociedade. Sendo assim, este artigo tem como objetivo mostrar os enfrentamentos vivenciados pelas médicas em diferentes momentos de sua trajetória escolar para ressignificar os atos de racismo que incidiam sobre seus corpos e resistir às relações de poder de forma a se produzirem como médicas.

A pesquisa utilizou como metodologia as entrevistas narrativas, entendidas como “uma técnica para produção de informações de pesquisa por meio de uma conversa, a partir de alguns eixos estruturantes, para compreender os sentidos e significados atribuídos pelos/as entrevistados/as a determinadas situações vividas” (CALDEIRA, 2021, p. 11). As entrevistas narrativas foram realizadas com cinco médicas que ingressaram no curso de Medicina em 2009. O processo para localizar e identificar os sujeitos desta pesquisa não foi uma tarefa fácil, pois tratava-se de egressas do curso de medicina e a instituição não fornece dados de ex-alunos. Com a colaboração de uma professora de uma disciplina do mestrado, que forneceu o contato de uma coordenadora de um grupo de estudos da faculdade de medicina, localizou-se uma médica negra que se encaixava no perfil da pesquisa. Essa médica, por sua vez, indicou colegas de sua turma que também eram negras. Assim, a partir desse contato, oito médicas são identificadas. Dessas oito médicas, sete atendiam aos critérios estabelecidos, porém apenas cinco aceitaram o convite para participar da pesquisa e foram entrevistadas. Cabe registrar que a pesquisa foi protocolada e aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa e os nomes usados no trabalho foram escolhidos pelas participantes, sendo alguns os nomes próprios e outros nomes fictícios.

As participantes da pesquisa foram convidadas a narrarem sobre acontecimentos de suas vidas relacionados à trajetória na educação básica, ao acesso à educação superior, à conclusão do curso de medicina e ao ingresso inicial no mercado de trabalho, a partir de um roteiro de entrevista elaborado para esse fim. Ao narrarem sobre suas trajetórias escolares, essas mulheres negras apresentaram relatos muito significativos e marcantes sobre o racismo vivido por elas no ambiente escolar, seja na escola pública, seja na escola privada. Por meio dos seus relatos, foi possível perceber que havia discriminação maior em relação ao corpo e cabelos negros. Dessa maneira, a cor da pele e os cabelos crespos ou encaracolados eram as características para as quais as manifestações racistas eram direcionadas. Desse modo, elas compõem as análises feitas a partir dos relatos das médicas com o objetivo de identificar quais foram as formas de enfrentamentos e resistências utilizados por elas ao longo de suas trajetórias

² Disponível em: <[Download.inep.gov.br/educa%C3%A7%C3%A3o-superior/enade/documentos/2017/apresenta%C3%A7%C3%A3o-resultados-enade-2016](http://download.inep.gov.br/educa%C3%A7%C3%A3o-superior/enade/documentos/2017/apresenta%C3%A7%C3%A3o-resultados-enade-2016)>. Acesso em: 21/11/ 2017.

³ ENADE- Exame Nacional de desempenho dos Estudantes, criado em 2004 pela lei 10.861 de 14/04/2004, que é a lei do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES). O ENADE é regulamentado operacionalmente por um conjunto de portarias do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e pela portaria normativa número 40, de 12/12/2007.

⁴ O uso dos dados de 2016 deve-se ao fato de que esse é o último ano em que há dados do ENADE disponíveis para o curso de Medicina.

escolares.

O argumento deste artigo é o de que o corpo negro é o alvo sobre o qual incidem as relações de poder que se referem ao racismo. Assim, para produzir modos de subjetivação, as médicas precisaram ressignificar esse corpo (particularmente no que concerne ao cabelo negro e à cor da pele), fazendo com que ele ocupasse um lugar social que historicamente foi negado ao corpo negro. Nesse processo, elas desestabilizam as relações de poder e criam resistências. Os relatos das médicas sobre discriminações raciais mostram que elas viveram episódios de racismo em diferentes momentos de suas trajetórias escolares, praticado por outros alunos desde a entrada na vida escolar, pelos jovens veteranos da faculdade de medicina, pelos professores universitários ao longo da graduação e na residência médica e depois de formadas pelos pacientes incrédulos, acostumados com o estereótipo do médico homem mais velho e branco.

Para mostrar como se deu esse processo de constituição de si mesmas e de ressignificação do corpo negro, este artigo está organizado em quatro partes específicas, sendo que a primeira parte consta desta introdução. Na segunda parte, o referencial teórico com os principais conceitos foucaultianos que direcionaram este trabalho é apresentado. Na terceira parte, apresentamos os relatos das médicas a respeito do modo como seus corpos foram significados e as resistências por elas realizadas. Por fim, são apresentadas as considerações finais do artigo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa insere-se na perspectiva pós-crítica de estudos sobre a educação. A escolha por esse referencial teórico deve-se ao fato de que defendemos que é preciso se afastar de “todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto” (PARAISO; MEYER, 2014, p. 26). As perspectivas pós-críticas nos proporcionam o acesso a novas leituras sobre as questões pelas quais estão passando as sociedades. Com base nessas releituras, surgem outros olhares sobre os processos constituídos, possibilitando outro modo de pensar a sociedade, “onde os pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder as nossas interrogações [...], para multiplicar sentido, formas, lutas” (PARAISO; MEYER, 2014, p. 26).

Na pesquisa que dá base este artigo, as problematizações realizadas por Michel Foucault se mostraram potentes para analisar os processos vividos pelas médicas entrevistadas. Dentre os vários conceitos desenvolvidos pelo filósofo, os conceitos de processos de subjetivação, subjetividade e relações de poder foram utilizados para subsidiar a pesquisa.

Ao longo de sua obra, Foucault não se preocupou em definir sujeito. Porém, ele dedicou vinte anos da sua vida ao objetivo de “criar uma história dos diferentes modos pelos quais em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Foucault (1995) afirma que não é o poder o tema geral das suas investigações, mas sim, o sujeito e as diversas formas de assujeitamento, procurando entender como se dá a sua constituição, já que o sujeito não existe como algo dado, anterior, de modo que o sujeito é uma produção. Como afirmam Corazza e Tadeu (2003, p. 11) “o sujeito não existe. O sujeito é um efeito da linguagem. O sujeito é um efeito do discurso. [...] O sujeito é efeito dos processos de subjetivação”. Para Foucault, o sujeito é também o efeito das relações de poder-saber.

Foucault (1995) apresenta dois significados para a palavra sujeito: “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e um sujeito preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e o torna sujeito a” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Dessa forma, podemos entender que o sujeito é uma produção, é um efeito das relações de poder. Nos processos de produção de sujeitos temos os modos de subjetivação e os modos de objetivação. Os modos de objetivação produzem “sujeitos objetivados”, constituídos pelos discursos e pelas relações de poder. Os modos de subjetivação referem-se à constituição de um sujeito por intermédio das práticas de si, permitindo-o constituir-se como sujeito de sua própria existência (REVEL, 2011, p. 144).

Estes processos não produzem sujeitos livres, já que estarão sempre envolvidos em relações de poder, seja nas micro relações, seja nas macro relações sociais. Para Foucault, o sujeito está sempre

envolvido nas relações de poder, um poder difuso, descentralizado, presente em todas as esferas sociais (CALDEIRA, 2016, p.29). Esse poder nunca está localizado aqui ou ali dado a sua “Onipresença [...] não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro” (FOUCAULT, 2013, p.103). O poder é produzido a cada instante, “está em toda parte, não porque ele englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2013, p.103). Na perspectiva foucaultiana, o poder não é algo necessariamente ruim, do qual temos que nos livrar. O poder está presente atuando nas capilaridades das micro relações e o resultado destas ações não se definem como negativos ou positivos, são ações que movem os sujeitos a, como um verbo que provoca a ação referente a alguém ou alguma coisa.

As relações de poder são consideradas por Foucault como “relações complexas, difíceis, nunca funcionalizadas e que num certo sentido não funcionam nunca” (FOUCAULT, 2010a, p.274). No entanto, Foucault afirma que existe uma “especificidade das relações de poder, uma espessura, uma inércia, uma viscosidade, um desenvolvimento e uma inventividade que lhe é própria” (FOUCAULT, 2010a, p.274). Assim, o sujeito está envolvido nessa viscosidade das relações de poder, uma substância que o envolve, mas não o paralisa. Nas palavras do autor, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato, ele permeia, produz coisas induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 2017b, p.45)

O poder é produtivo no sentido de provocar os sujeitos. Nesse sentido, Foucault afirma que “deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma vigilância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 2017b, p.45). Esta interação do sujeito com o poder pode se dar por meio de lutas e das resistências, que, como as relações de poder, não possuem caráter apenas negativo, são ações que também fazem parte da constituição do sujeito.

As lutas diante dos efeitos dessas relações de poder podem ser de vários tipos, conforme os sujeitos se sentem afetados por elas. No caso da pesquisa que dá base a este artigo, foram pesquisadas as lutas e enfrentamentos que fazem parte dos processos de subjetivação das mulheres negras que concluíram o curso de medicina na UFMG. Consideramos que “as relações de poder abrem um espaço no seio do qual as lutas se desenvolvem” (FOUCAULT, 2010a, p.277). Porém, é importante reforçar que o poder não se dá fora das lutas, por isso “é preciso voltar a situar as relações de poder no interior das lutas e não supor que há, de um lado o poder, e de outro aquilo sobre o qual ele se exerceria, e que a luta se desenrolaria entre o poder e o não poder” (FOUCAULT, 2010a, p.277).

As lutas podem ser vistas como via de mão dupla, pois transcorrem de ambos os lados, ao lado do poder e ao lado da resistência. Resistência no sentido de uma “força que move, atravessa que torce e se alimenta de outras forças com o intuito de aumentar a potência dos corpos [...] é força inventiva que move e cria possíveis” (PARAISO, 2016, p.389). A resistência cria sujeitos, cria um campo de possibilidades para o exercício de “estratégias, uma reação ao poder com uma força focada, localizada, resultado de agenciamentos que aumentam a potência dos corpos” (PARAISO, 2016, p.389). Foucault (1995) aponta a necessidade de nos dispormos a uma contínua luta contra o assujeitamento e, para isso, é necessário lembrar: “A luta contra as formas de sujeição, contra a submissão da subjetividade está se tornando cada vez mais importante, a despeito de as lutas contra as formas de dominação e exploração não terem desaparecido” (FOUCAULT, 1995, p.236).

As mulheres negras que concluíram o curso de medicina travaram lutas contra as formas de submissão ao acionarem os modos de subjetivação, resistindo às relações de poder, praticando as artes de si mesmas. O conceito de artes de si mesmo remete a um duplo significado em relação à palavra artes. No senso comum, fazer arte é fazer bagunça, é tirar do lugar tudo aquilo que alguém julgou ter colocado supostamente no lugar certo. Fazer arte é quebrar rotinas, é movimentar, é desconstruir. Consideramos que é assim que as mulheres negras vão fazendo suas artes, tirando do lugar tudo aquilo que poderia mantê-las paralisadas e, ao reorganizar as artes feitas, nada será como antes.

O segundo sentido de fazer arte refere-se ao ato de criação, um ato íntimo que brota do artista, não importando o tipo de arte, o tipo de material, o tipo de interpretação. Afinal, uma obra de arte é vista

e compreendida diferentemente por cada olhar que a transpassa, inclusive o olhar do criador. As mulheres negras em seus processos de subjetivação, fazendo de suas vidas obras de arte, fundem-se em criador e obra. A beleza expressada pelo seu corpo, sua cor, seu cabelo, sua presença negra, são modos que podem dizer das relações do sujeito consigo mesmo.

3 CORPOS EM MOVIMENTO

Trabalhar com a temática referente ao corpo negro deve-se ao fato de que ele foi um tema recorrente no trabalho de campo, pois marcas fenotípicas como a cor da pele e o tipo de cabelo, distinguem em nossa sociedade negros de brancos. Essas distinções comumente levam às práticas racistas em relação aos negros, interferindo em seus processos de constituição como sujeitos. Elas fazem parte de um jogo de poder que “envolve as práticas de significações e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados [...] nos permitem entender nossas experiências, e aquilo que somos, são construídos” (GOELLNER, 2003, p.28). Desse modo, os significados que são atribuídos ao corpo negro, sejam na cultura, sejam pelo próprio negro, interferem nos processos de produção das subjetividades e produzem sujeitos de diversos tipos. Para Oksala (2018),

O corpo nunca é completamente dócil e suas experiências nunca podem ser totalmente reduzidas a determinantes normativos, discursivos [...]o corpo representa uma dimensão de liberdade, [...] corpos são capazes de multiplicar, distorcer, transbordar os seus determinantes discursivos, e de abrir novas e surpreendentes possibilidades que podem ser articuladas de maneiras novas (OKSALA, 2018, p.124).

Dessa forma, o corpo como um “corpo provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções”, (GOELLNER, 2003, p.28), se faz presente nesse processo tornando-se uma peça chave no jogo das relações de poder. Porém, este corpo não é somente o local no qual incidem relações de dominação, pois “sendo um espaço de passagem para outras configurações de si mesmo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, p.217), o corpo também “torna-se um lugar de resistência e liberdade” (OKSALA, 2018, p.124), um “espaço próprio de cada um, lugar absoluto no qual cada um se faz corpo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, p.218). Desse modo, o corpo passa a ser entendido como categoria de poder, deixando de ser apenas um corpo biológico e sendo um instrumento e objeto de lutas específicas.

Assim, o corpo torna-se um campo de possibilidades. Especificamente no que se refere aos negros “o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural” (GOMES, 2002, p.22). A percepção de um corpo negro se constitui por meio de um “movimento que não começa apenas com o olhar de dentro do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora” (GOMES, 2002, p.21). O corpo das mulheres negras como uma categoria de poder e resistência, torna-se um corpo que se metamorfoseia como uma estratégia de enfrentamento às discriminações e aos preconceitos raciais.

No caso da pesquisa que dá base a este artigo, os aspectos corporais destacados nas entrevistas e que serão analisados se referem ao tipo de cabelo e à cor da pele, características marcantes dos negros, alvo para o racismo vivido pelas médicas durante a trajetória escolar e a vida diária, estendendo-se após a inserção no mercado de trabalho.

4.1 O cabelo como marca do corpo negro

As lembranças das médicas referentes ao modo como seus corpos eram percebidos e apontados negativamente remontam principalmente ao ambiente escolar, nos anos iniciais de escolarização. Luísa relata a inadequação que sentia quanto ao seu corpo na escola:

Eu era bem diferente, além do fato de ser negra, meu cabelo era curto igual de homem [...] eu sempre tive cabelo bem curto. Eu era gordinha, então, juntava tudo isso e não era atrativo, usava o cabelo curto porque minha mãe não tinha tempo para cuidar (Relato de Luísa).

Gomes (2002) afirma que “a escola impõe padrões [...] também de estética [...] e mesmo com o

cuidado das mães, a criança negra não deixa de ser alvo de piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar.” (GOMES, 2002, p.247). O sentimento de inadequação vivenciado por Luísa quando criança passa não apenas pela cor da pele, mas, sobretudo pelo cabelo. Ainda segundo Gomes (2002), o cabelo é visto como um ícone identitário devido ao fato de que é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico, ele apresenta características como visibilidade, crescimento, diferentes cores e texturas, possibilitando técnicas diversas de manipulação sem necessariamente estar subordinado ao uso de tecnologias sofisticadas (GOMES, 2002, p.245). Para a autora, as experiências do negro com relação à manipulação do cabelo começam desde cedo, não necessariamente com o uso de produtos químicos, mas com alisamentos com pente ou ferro quente. Segundo os relatos de sua pesquisa, as meninas negras eram submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, sofrendo com a pressão dos pentes, os puxões para desembaraçar. Essa situação parece ter sido vivenciada também pela médica Verônica, como pode ser visto a seguir:

Já fui chamada de macaca, já ouvi que o meu cabelo era pior que cabelo de regiões íntimas[...]era subjugada pelo tom da pele, pelo cabelo que sempre foi muito cacheado e armado e para ir à escola meu cabelo tinha que estar preso e não podia ter um fio de cabelo para cima e por isso odiava a escova de juntar cabelo (Relato de Verônica).

O ódio pela escova de juntar cabelo mostra a necessidade de passar por um processo de modificação de seu próprio corpo a fim de ser aceita no meio escolar, para “romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo” (GOMES, 2002, p.245). Verônica tinha que juntar seus cabelos com uma escova e mantê-los sempre amarrados. Já Luísa precisava mantê-los curtos “igual de homem” para lidar com o fato de que sua mãe não podia usar de outros mecanismos para adequar seus cabelos ao padrão da escola. Os apelidos expressam que o tipo de cabelo da mulher negra é visto como símbolo de inferioridade e, quando isto ocorre na escola, marca a história das negras e podem ser as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e na adolescência (GOMES, 2002, p. 185).

É possível notar aqui como as relações de poder incidem sobre essas mulheres, sobre seus corpos negros e sobre seus cabelos crespos. Porém, como o poder é uma via de mão dupla, as discriminações sofridas no período escolar não definem a relação dessas duas médicas com seus corpos e seus cabelos. Em um processo constante de modificação de seus corpos, essas médicas constroem outras referências para lidar consigo mesmas e com seus cabelos ao longo de sua vida. Assim, no dia da entrevista, foi possível notar que Luísa tinha os cabelos crespos naturais usando tranças com apliques mais longos, rompendo com o que lhe foi imposto durante a infância. Durante a graduação, Luísa relata que decidiu usar os cabelos crespos naturais. Essa tentativa de romper com o que lhe foi ensinado na escola de ensino fundamental não foi, entretanto, bem aceita no ensino superior. A médica relata que teve, de certa forma, sua atenção chamada por isso por parte de suas professoras, conforme o relato:

Na faculdade, [...] professoras me dizendo que eu deveria ir mais arrumada, quando eu comecei a usar meu cabelo crespo, elas falavam para eu ir com o cabelo mais arrumado. (Relatos de Luísa)

As tramas do poder ainda tentam delimitar as possibilidades do corpo negro, definindo um determinado modo de ser e agir. Embora na contemporaneidade circulem ditos que pregam o uso do cabelo natural como uma forma de empoderamento, no ensino superior Luísa precisou lidar com críticas quanto ao modo de pentear-se. Apesar disso, em um ato de resistência, ela continuou usando os cabelos crespo, ressignificando o modo como os cabelos eram vistos no ensino fundamental.

Outro modo de lidar com as relações de poder que envolvem o corpo negro pode ser percebido na forma como a médica Verônica lida atualmente com seus cabelos. Ao entrevista-la, foi possível observar que ela usava os cabelos muito lisos como efeitos de escova progressiva e clareados em tons de loiro. Ao longo da conversa, ela deixa claro que essa forma de usar os cabelos foi a maneira que escolheu para si. Relata que essas escolhas foram decorrentes de anos de terapia por causa de situações traumatizantes que passou como ao ser xingada de macaca, de ouvir que seu cabelo era igual ao de regiões íntimas e em outros episódios que relatou quando saiu do Brasil, as pessoas lhe paravam na rua pedindo para tirar foto

com ela. Verônica acreditava que essas abordagens eram devidas às suas formas corporais e ao tom de pele. Conforme o relato:

[...] engraçado que é uma coisa que extrapola um pouco do profissional... quanto ao pessoal as experiências que eu passei fora do país, eram piores até do que eu tive em Poços de Caldas onde eu estava trabalhando. As pessoas já me pararam na rua pra pedir pra tirar foto, assim, pelo meu tom de pele e pelo padrão corporal e tudo mais e isso já aconteceu comigo e com minha irmã. Uma vez até me senti como uma macaquinha de circo no meio dos brancos... quando eu estou nesses ambientes, as pessoas olhando minhas roupas e eu me sentia assim estranha e isso continua aqui em Belo Horizonte [...]em algumas praias e pro sul do país também isso existe ainda (Relatos de Verônica).

A princípio, pode parecer que Verônica tenta se adequar a um ideal de branquitude que faz com que ela busque se aproximar de padrões brancos. Para Miranda, (2011), os significados atribuídos pela mídia aos penteados e cortes de cabelos dos negros, uma mídia que cultua uma estética eurocêntrica, objetivam “camuflar os traços de pertencimento raciais deslegitimados pelos discursos da hegemonia” (MIRANDA, 2011, p.03). Segundo a autora, a criação de um imperativo de normatividade do belo, tendo por base o modelo europeu acaba desconsiderando os demais. Dessa forma “ocorre a produção de um sujeito de beleza as custas da existência de seres abjetos, cujo padrão estético torna-se inominável e rejeitado” (MIRANDA, 2011, p. 04) No entanto, pelo fato de tratar-se de um jogo político, interpretar o ato de Verônica dessa forma pode ser um tanto simplista. Se considerarmos que as relações de poder são sempre de mão dupla, é possível inferir que a médica se utiliza de uma suposta verdade sobre o que é belo para se afirmar e evitar sofrimento. Como as formas de verdade fazem parte das relações de poder, uma vez que a verdade não existe fora do poder (FOUCAULT, 2017, p.52), abrem-se espaço para os processos de lutas, de enfrentamentos e resistências dos negros.

A médica Josiane, por sua vez, relata que durante a infância não percebia o preconceito racial, mas que sofria bullying. No entanto, quando ela faz seus relatos, há evidências de que ela sofria este tipo de discriminação ao afirmar que não era o padrão de “beleza branca” da época, conforme os relatos:

Eu sofria bullying e na época não era bullying, era só brincadeira de criança, eu lembro que me chamavam de girafona, eu era bem alta e me destacava, na fila das crianças eu era a última, eu ficava lá trás e eu acho que as meninas me achavam feia, eu acho que de certa forma isso instigava as pessoas a, de alguma forma querer me irritar, a brincar comigo, um apelidinho. Mas eu não posso te dizer com certeza que é isso que fazia as pessoas fazerem isso comigo, mas eu acredito que sim. Também, eu não era o modelo de beleza da época, que era menina de cabelo lisinho, branquinha e tudo mais e eu não era esse modelo. (Relatos de Josiane).

A fala de Josiane remete às percepções que ela possui do próprio corpo, num processo que Gomes (2012) denomina de rejeição/aceitação do próprio corpo. Este processo de rejeição é “construído socialmente, vivido e aprendido no grupo, na família [...] permeia a vida deste sujeito em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano, infância, adolescência, juventude e vida adulta” (GOMES, 2012, p.122). Para a autora, as mulheres negras convivem com um olhar social, construído historicamente comparando-as com o padrão estético branco ainda considerado o ideal. Dessa forma, “a sociedade brasileira constrói uma hierarquia em termos étnicos e estéticos, minimizando e desprezando os negros por considerá-los distantes do padrão ideal!” (GOMES, 2012, p. 125).

A não aceitação do próprio corpo não é algo construído pelo próprio indivíduo, ela faz parte de um jogo político que objetiva produzir “seres abjetos, ininteligíveis, indivíduos que não são considerados sujeitos, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito” (BUTLER, 2007, p.155). O que está em jogo nesta relação vai além da questão da estética deslocando-se para uma questão política. Trata-se de um jogo de poder no qual as pessoas negras, ao serem desvalorizadas como indivíduos, ao ocuparem um suposto lugar de feiura, ocupariam também um lugar de disciplinamento e

de fácil controle, fácil governo. Contudo, no caso dessas mulheres negras o que ocorre é o inverso nesse jogo de poder, pelo fato delas se posicionarem e, cada uma a sua maneira, fazerem os enfrentamentos e resistirem diante dos preconceitos relativos às suas formas corporais, à cor da pele e ao tipo de cabelo. Assim, como médicas negras que se tornaram, resignificaram o próprio corpo, que passou a ocupar um lugar de uma representatividade negra para seus pares, tornando-se um símbolo da resistência e das lutas e assim de autogoverno.

Nesse sentido, o corpo negro passa a ser a expressão dos discursos “que podem reiterar leis de verdade ou configurar estratégias de resistências” (MIRANDA, 2011, p. 05). Então, este corpo é carregado de poder, não um poder como uma “realidade que possua uma natureza, uma essência [...] características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas formas díspares, heterogêneas, em constante transformação” (FOUCAULT, 2017, p. 12). O corpo assim como o poder, não possui características universais. Ele está em constantes transformações. E como tal torna-se um instrumento de lutas e de resistências contra as formas de sujeição. Foucault refere-se ao seu próprio corpo ao olhar-se e descrever-se no espelho, “rosto magro, costas curvadas, olhos míopes, careca, nada lindo” (FOUCAULT, 1991, p. 01). As percepções que temos sobre o nosso corpo não são individuais, são frutos de uma construção social do meio no qual estamos inseridos. O corpo é atravessado pelo poder, não é um objeto natural, uma coisa, é uma prática social e como tal constituída historicamente. Esta constituição histórica traz significados e sentidos de uma “ferida, que se curada, deixa cicatriz” (MATOS, 1984, p. 1) Cicatrizes das resistências. Só há resistência se houver efeitos de um poder que “atuam na constituição de efeitos de verdade no interior dos discursos” (MIRANDA, 2011, p.3).

Os efeitos de poder e resistência podem ser percebidos nas falas da médica Dandara. Mesmo relatando ter sofrido muitas pressões para alisar os cabelos, ela encontrou formas de se posicionar que lhe permitem uma liberdade no sentido de poder manipular seu cabelo sem perder sua originalidade quando e onde lhe convier, como ela relata:

Eu fiquei até sem fazer escova no meu cabelo num certo tempo, porque a questão de você querer diminuir suas características, isso é mutilante. Eu tenho uma tia que falava pra mim quando eu entrei na Faculdade de Medicina, ela falava assim: “Dandara, eu aliso seu cabelo, como é que você vai atender alguém assim?”. E aí ela se oferecia pra passar o produto no meu cabelo e eu nunca aceitei. Eu fazia escova na minha adolescência, mas era aquela de escovar e tirar. Então, eu nunca aceitei essa mutilação de mudar minha característica tão marcante que é meu cabelo que eu gosto tanto (Relato de Dandara)

Mais uma vez, as relações de poder incidem sobre os corpos das mulheres negras, tentando definir um lugar a ser ocupado por eles. Entretanto, as maneiras como essa médica resignificou o olhar que tinha sobre si mesmas, possibilitou-lhe saber se posicionarem diante de uma suposta verdade sobre uma imagem corpórea socialmente construída, de como seria o corpo de um médico ou uma médica. A resignificação do olhar sobre o próprio corpo levou a um processo de intervenções em relação aos modos como arrumaria os cabelos e os tipos de roupas e acessórios que usaria. Este olhar voltado para si mesmas fez parte dos processos de construção de suas subjetividades, como observado nos relatos de Dandara:

Quando você atende de cabelo escovado [...] questionamentos não aparecem. O paciente não questiona se eu sou a médica que vou atender ele, não questiona se eu sou médica porque ali, de alguma forma, eu passei de negra pra morena. E então, pro paciente isso é mais aceitável. E então, agora está tudo bem, então agora eu sigo nessa busca constante assim até mesmo de me definir (Relatos de Dandara)

Mesmo relatando ter sofrido muitas pressões para alisar os cabelos, Dandara encontrou formas de se posicionar que lhe permitem uma liberdade no sentido de poder manipular seu cabelo sem perder sua originalidade quando e onde lhe convier. No entanto, houve uma intensificação dos preconceitos e discriminações raciais quando ela e as outras médicas iniciaram as atividades práticas na graduação.

Todas se viram diante do fato dos pacientes desacreditarem que elas seriam as médicas e, em sequência, não quererem ser atendidos por elas. Dandara iniciou uma primeira residência em Ginecologia e Obstetrícia e lá lidou com a desconfiança dos pais dos recém-nascidos que pediam para acompanhá-la até o berçário na hora de levá-los. Tal fato fez com que ela abandonasse a Residência em Ginecologia e partisse para uma residência em Psiquiatria Infantil. Ela relata que o preconceito racial se manteve o mesmo, mas metamorfoseado em outras práticas. Quando ocorreu sua entrada no mercado de trabalho, ela já sabia que precisaria fazer intervenções nos cabelos, como por exemplo, para ser aprovada em uma seleção para trabalhar como médica no Haiti. Ela sabia que se não escovasse os cabelos, não passaria no processo seletivo, e assim ela o fez, escovou os cabelos e foi aprovada. Dandara percebeu que podia jogar o jogo dos racistas e sair-se bem. No entanto, não foi um processo fácil, conforme seus relatos:

E é uma busca constante do jeito de me posicionar, então me incomoda quando eu passo por uma situação dessas e aí eu vejo que é uma situação de racismo, muitas vezes velado. E muitas vezes eu não tenho aquele tipo de reação porque eu começo com os mecanismos de defesa, eu já fico pensando assim: “não... mas... não é porque eu sou uma médica negra, é porque eu estava desarrumada, não... mas... é porque eu não estava... é... não é..”. Você mesma começa a se questionar. (Relato de Dandara)

Coube a cada uma das médicas escolher como iriam apresentar o corpo negro, de modo que ele pudesse ir e vir livremente, escolhendo quais processos de metamorfoses realizariam em seus corpos. As escolhas e ações realizadas constituíram as estratégias de enfrentamentos e resistências operacionalizadas por elas. No caso de Dandara, essa estratégia se refere a modificar seus cabelos quando lhe convém.

A estratégia de Luísa, por sua vez, foi aproximar-se o quanto pôde de suas raízes negras. Para isso, ela foi exercitar seu corpo na capoeira, foi juntar-se aos seus pares em projetos sociais em vilas e aglomerados da cidade de Belo Horizonte e, no ano de 2019, concluiu a residência médica em ginecologia e obstetrícia. Atualmente, traz em seu corpo as marcas dessa aproximação e, da menina que usava cabelos curtos na escola, passou a usar seus cabelos crespos naturais, adornados com tranças, rastafári, turbantes, roupas e acessórios coloridos

Ao resignificarem seus olhares sobre seu próprio corpo e sobre os significados que este corpo produz nos espaços de exercício da medicina, elas passaram a viver sob o olhar do outro sem nada a esconder. O cabelo crespo natural de Luísa, os cabelos anelados de Fabíola, os cabelos alisados de Josiane, os cabelos alisados pranchados e descoloridos de Verônica e o cabelo camaleão de Dandara, todos eles materializam as relações de poder e evidenciam tanto as discriminações vividas pelas médicas negras como as resistências que elas construíram em diferentes momentos de sua trajetória e seguem construindo. Assim, as piadinhas em torno do corpo negro vão sendo problematizadas, de maneira que o corpo negro, de espaço de discriminação e sofrimento, passa ao lugar de espaços de resistências, como mostrado no próximo tópico.

4.2 A PRESENÇA DOS CORPOS NEGROS NOS ESPAÇOS HEGEMONICAMENTE BRANCOS: processos de resistências

Ao ingressarem na faculdade de medicina, como integrantes da primeira turma de alunos beneficiados por cotas raciais, a presença desses corpos negros causou estranhamento neste lugar. Em decorrência desse estranhamento, essas mulheres relataram terem sofrido práticas racistas, expressas, segundo elas, de um modo diferenciado, ou seja, as pessoas que se comportavam dessa forma, agiam como se essas práticas racistas fossem de certa forma “naturalizadas”. Segundo Alves, Stoll, Espíndola (2016) o racismo de uma maneira geral virou uma espécie de cultura pelo fato de ser tão cultivado em diferentes âmbitos sociais. As mulheres negras, ao acessarem o ambiente acadêmico, reencontram essa espécie de cultura do racismo e precisaram se reinventar em seus processos de lutas e enfrentamentos para lidarem com essa modalidade do tipo estrutural, direcionado a seus corpos negros.

Segundo Almeida (2018), convivemos com três modalidades de racismo, sendo a primeira

modalidade vista por uma ótica individualista, que limita a problemática a uma concepção individual, banalizando uma questão social mais ampla. A segunda modalidade é a concepção de racismo na perspectiva institucional, na qual ocorreria mesmo que indiretamente, desvantagens e privilégios baseados na questão racial. Por último, tem-se a concepção de um racismo estrutural. Para Almeida (2018), entender a concepção de racismo estrutural seria estar,

Consciente de que racismo é parte estrutural social e por isso não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do mesmo (ALMEIDA, 2018, p. 40)

Desta forma, esse tipo de racismo estrutura a nossa sociedade de tal maneira que as pessoas não se constringem de expressá-lo, pelo fato de que o mesmo não necessita de intenção para se manifestar. Nesse sentido, foi possível perceber em vários relatos das médicas evidências desse racismo estrutural direcionado aos seus corpos negros, ocorrido em várias situações vivenciadas por elas ao longo da trajetória universitária. Conforme relatado por elas, uma situação que provavelmente apresentou evidências disto foi o *Show Medicina*, peça teatral produzida por veteranos da medicina em que não houve constrangimento em ridicularizar o negro. Esse episódio foi relatado por Fabíola, Verônica e Luísa. O relato de Luísa mostra como isso ocorreu:

O show-medicina é um grupo de teatro. E eles fazem uma apresentação na primeira semana [Para os calouros]. E na época estava na moda o Casseta e Planeta⁵, Soluções Tabajaras⁶. Na peça, havia um menino branco que tentava todo ano passar no vestibular, e tentava e não conseguia, tentava e não conseguia. Então, chega um cara e fala ‘Eu tenho a Solução Tabajaras para você?’ e traz uma máquina e diz que quando ele, o jovem branco, passasse na máquina, ele prometia que ele iria passar no vestibular instantaneamente. E aí, quando ele passa pela máquina, ele aparece do outro lado tipo Black-face, todo pintado de preto. Ele estava com uma tinta preta pintada no corpo inteiro e assim, instantaneamente eles dão pra ele a aprovação no vestibular. (Relatos de Luísa)

O racismo estrutural pode ser entendido como uma prática silenciosa que não precisaria de “permissão” para se manifestar (ALMEIDA, 2018). Contudo, o autor sugere que não se deve ser conivente com essa situação, ou seja, permanecer em silêncio faz do indivíduo responsável pela manutenção do mesmo (ALMEIDA, 2018). Assim, não se manter em silêncio seria o início de uma ação que induziria aos questionamentos dessas práticas com a intenção de tentar rompê-las. Essa quebra de silêncio pode ser vista nos relatos de Luísa nessa primeira experiência de racismo estrutural no curso de medicina, conforme seu relato:

Eu queria fazer teatro na faculdade, já fazia teatro no Colégio Militar e quando eu olhei para os lados, todo mundo estava rindo e achando super engraçado. E isso me criou um mal-estar que eu falei: “gente, eu não acredito que as pessoas estão fazendo piada com isso, dessa forma rindo. Por que todo mundo está

⁵Conforme a página oficial do grupo, o Casseta & Planeta surgiu com a união de vários redatores da revista Casseta Popular e do Jornal Planeta Diário na década de 80 em plena ditadura militar. Apresentavam um humor anárquico e politicamente incorreto, com piadas sobre os assuntos da atualidade. Em 1992 passa a fazer parte da programação da Rede Globo de TV com o programa Casseta & Planeta Urgente- Jornalismo Mentira, Humorismo Verdade, permanecendo no ar até o ano de 2012. Disponível em: www.cassetaeplaneta.com.br. Acesso em 21/10/2020

⁶ Entre as várias atrações do programa tinha-se o quadro Organizações Tabajaras – Seus Problemas Acabaram - nome dado a uma empresa fictícia do ramo monopolista para “escravizar as massas inferiores” criada pelo grupo e utilizava o nome da tribo indígena Tabajara na associação a produtos fictícios de cunho pejorativo, seus produtos “revolucionários” eram capazes de solucionar uma enorme variedade de problemas por meio dos métodos mais esdrúxulos. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/casseta-planeta-urgente/quadros-e-personagens/organizacoes-tabajara/>. Acesso em 21/10/2020

rindo?” As pessoas ali em sua maioria eram brancas, então, aquilo ali para elas era engraçado mesmo, rir do outro, do negro. E virou um bloqueio enorme, porque obviamente eu não entrei nesse grupo. Hoje dizem que melhorou muito. (Relatos de Luísa)

Esse episódio ocorrido no Show Medicina, além de provavelmente ilustrar, segundo a concepção de Almeida (2018), como ocorreria em nossa sociedade a expressão do racismo estrutural, estaria associado também a um outro tipo de racismo que seria o racismo recreativo. Nessa modalidade de racismo, as pessoas se comportam como se fosse também algo natural fazer piadas em relação as características fenotípicas dos negros, ou seja, do corpo negro em relação à cor da pele e ao tipo de cabelo. Para Moreira (2019), em nossa sociedade o humor tem sido utilizado como uma estratégia na veiculação da hostilidade racial por meio de elementos culturais, como se o humor tivesse permissão para expor as características fenotípicas dos negros como desagradáveis, como símbolos de inferioridade moral e, assim, apresentados em forma de piadas, seriam responsáveis pela perpetuação das práticas discriminatórias raciais (MOREIRA, 2019, p 40).

Nessa apresentação, a piada foi em referência ao corpo negro e à política de cotas e, segundo Luísa, essa montagem do Show Medicina com esta temática foi proposital, pois os veteranos já sabiam que a próxima turma a entrar na Universidade no primeiro semestre do ano de 2009, seria a turma com os alunos cotistas. Segundo ela, esse show já era um recado sobre o que estava por vir, segundo seus relatos:

Claro! Claro que foi intencional. Essa peça, por exemplo, a apresentação já tinha sido em novembro. E aí eles sempre repetem alguma dessas que fez sucesso, na recepção de calouros. Então, eles já sabiam que entrariam alunos por cotas raciais, que haveria o bônus. Assim, a piada no final do ano já era sobre a turma que estaria entrando. E foi o que eles escolheram apresentar para a gente, não bastava ter apresentado anteriormente no mês de novembro no Sesc? Então foi intencional, como se eles dissessem para nós: como a gente quer te receber? É fazendo piada com você, fazendo Black-face. É assim que a gente vai te receber e sejam bem-vindos a nossa Universidade. Então sim, foi intencional. Essa peça foi por causa da nossa turma e apresentada para nossa turma, e isso já me mostrou em que espaço eu estava entrando. (Relatos de Luísa)

Nesse cenário hegemonicamente branco, as mulheres negras precisaram empreender processos de lutas e enfrentamentos para não se tornarem submissas a essas práticas de discriminações raciais referentes à presença de seus corpos negros na universidade. No curso de medicina, a presença de corpos negros é comprovadamente muito inferior comparando com o número de alunos brancos. Essa discrepância é validada nos relatos de Dandara:

Isso no meio médico é claro, sabe? E em todo ambiente que eu estou, por várias vezes eu era a única pessoa de pele um pouco mais escura. Por exemplo, na minha residência de psiquiatria são doze alunos e dos doze eu sou a única, isso é o que acontece. Em congressos, por exemplo, eu estava no Congresso Mineiro de Psiquiatria e eu comento com o meu companheiro, e eu acho que tinha eu e mais três em um evento grande. Então, é isso! No meio médico e no meio acadêmico também. Lá no mestrado tem eu e mais uma menina em uma turma de quase vinte pessoas, então tem muita coisa errada e não era para ser assim, no nosso país onde a maioria da população é negra e é de se assustar chegar em uma sala e encontrar apenas dois negros (Relatos de Dandara)

As lutas e os enfrentamentos diante das questões raciais fizeram parte dos processos de resistências empenhados pelas médicas e esses modos de resistir conduziram-nas a um processo de ressignificação do próprio corpo. E isto foi possível porque elas desde a entrada na vida escolar já faziam seus enfrentamentos às discriminações raciais referentes ao corpo negro. Essa ressignificação também é em decorrência de um “processo tenso e conflituoso de rejeição e aceitação do ser negro, que permeia a vida desse sujeito em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano: infância, adolescência,

juventude e vida adulta” (GOMES, 2012, p.122) e provavelmente, elas estariam na fase de maior aceitação desse corpo, por isso foi possível ressignificá-lo.

Esse processo de aceitação do próprio corpo negro tornou-se necessário pois, segundo Gomes (2012), “a inserção e a circulação do negro e da negra em outros espaços sociais podem contribuir para o repensar dessa situação, para a problematização e o enfrentamento desse conflito” (GOMES, 2012, p.122). Dessa forma, diante dos desafios com a entrada na Universidade, com o exercício da medicina, esse processo de ressignificação do próprio corpo, elevando-o a uma categoria de poder, tornou-se o instrumento de lutas diante das ações de preconceitos em relação à inserção e circulação desses corpos negros nesses espaços acadêmicos e sociais.

A médica Josiane demonstrou em seus relatos que a presença do corpo negro nos espaços do conhecimento médico pôde suscitar um duplo questionamento, por parte dela e por parte da sociedade. Essa dualidade caracteriza as relações de poder entre as práticas racistas da sociedade e as ações de resistências e enfrentamentos às mesmas práticas por parte das médicas. As relações de poder são “relações de força, de enfrentamentos, portanto reversíveis [...] Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável” (FOUCAULT, 2010a, p. 232). Josiane relatou que, mesmo se formando médica, não percebeu ter ocorrido uma mudança em relação às práticas e discriminações raciais, referentes aos corpos negros, principalmente em relação à cor da pele e ao tipo de cabelo, ou seja, o racismo se manteve mesmo após a conclusão da graduação. As evidências aparecem quando elas se veem diante do descrédito das pessoas de que elas são médicas, porque são negras e da recusa de pacientes em serem atendidas por elas. Essa questão é referente às características fenotípicas, conforme o relato de Josiane:

Eu percebo mais (preconceito racial) depois de formada, porque o povo olha pra mim e na maioria das vezes as pessoas acham que eu não sou médica, porque eles acham que médica é só quem tem rosto bonito. Eu não sei o que eles esperam sabe, acho que eles esperam uma pessoa bonitinha e branquinha ou mesmo ajeitadinha. Não sei, mas, às vezes, o povo acha que eu não sou médica não, e perguntam se eu sou enfermeira. É como se tivesse um lugar certo pra pessoa de certo tipo: “Ah, você tem que ser enfermeira, médica não. Não combina não”. Sabe? Acho alguma coisa do tipo assim. (Relatos de Josiane)

Josiane, ao questionar sobre a existência de uma suposta aparência de um médico, já diz de seus processos de resistências e enfrentamentos a essas discriminações. Assim, ter-se tornado médica negra, ter um corpo negro no lugar onde se tinha somente corpos brancos, levaria a um repensar essa cultura do racismo de que há um suposto lugar para o negro, de que os negros só podem exercer determinadas profissões que combinam com sua aparência. Esse repensar é possível, pois que as relações de poder podem ser reversíveis, já que “as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência” (FOUCAULT, 2010, p. 232)

Assim, uma das formas de resistência empregadas pelas médicas, foi a ressignificação do corpo negro, tornando-o instrumento e sinônimo de resistência. As médicas não se submeteram às diversas manifestações dos diferentes tipos de racismo que se mantiveram e se apresentaram de diversas maneiras, veladas e/ou intencionais. Manifestações que se intensificaram quando elas iniciaram as atividades práticas e ingressaram no exercício profissional, quando seus corpos negros se fizeram presentes, causando estranhamento nestes espaços.

Diante dessas manifestações, as médicas mantiveram uma postura ética, que se fez necessária para que elas pudessem compreender também o fato de que seus corpos negros causariam um estranhamento naqueles espaços pouco ou nada ocupados por pessoas negras, em uma mesma posição de igualdade profissional. Isso porque ainda não era e ainda não é muito comum em nossa sociedade a presença de negros ocupando posições de trabalho consideradas de prestígio, como no caso da medicina. Na conduta da médica Luísa temos evidências dessa postura diante do estranhamento das pessoas ao se

depararem com uma médica negra. Segue o relato dela:

Eu tinha que convencer as pessoas que eu era a médica, mulher, negra e jovem, então eu tinha que convencer de que era capaz, e eu tive que provar porque eles estavam acostumado com o padrão de homem, mais velho e branco. E foi um processo pra provar que eu estava ali porque era eficiente e competente pra atender aquela população. (Relatos de Luísa)

Essas atitudes de Luísa de convencer as pessoas de que era possível sim, haver uma médica negra, foram possíveis, em sua visão, porque ela estava no processo de maior aceitação do próprio corpo. Como esse corpo ocupava um espaço associado a certas relações de poder, ela aciona esse poder quando tenta convencer as pessoas. Nesse processo de convencimento, ela aciona relações de poder que “utilizam-se métodos e técnicas muito, muito diferentes umas das outras, segundo as épocas e segundo os níveis” (FOUCAULT, 2010a, p.232).

As outras médicas relatam também terem passado por esse processo de ter que convencer pacientes para serem atendidos por elas e também terem de convencer as pessoas de que elas eram negras, mulheres e médicas. Assim, esse processo de convencimento como técnica foi utilizado por elas nos períodos em que iniciavam as atividades práticas do curso e no início do exercício profissional. Em várias situações de recusas e de descrédito das pessoas em relação a elas por causa do corpo negro, as condutas de resistências e enfrentamentos foram o uso do convencimento por meio do diálogo e o uso do corpo negro ressignificado. A medida em que iam avançando em seus processos de enfrentamentos e resistências, elas iam se apropriando cada vez mais do corpo negro, fazendo do mesmo o principal instrumento de luta.

Elas seguiram em seus enfrentamentos de forma ativa quando, por exemplo, ocorriam episódios de recusa de paciente que não queriam ser atendidos por elas e que elas não mais tentavam convencer nenhum paciente que se recusava. Esse processo foi importante, pois significava que essas médicas negras já não se viam mais capturadas e presas pelas teias do racismo. Elas, ao ressignificarem seus corpos, usavam-no no exercício do poder, ou seja, “aquele que exercemos sobre as coisas e que dá a capacidade de modificá-las, utilizá-las, consumi-las ou destruí-las – um poder que remete a aptidões diretamente inscritas no corpo [negro] ou mediatizadas por dispositivos instrumentais” (FOUCAULT, 1995, p.240). Dessa forma, as médicas em seus corpos negros empoderados provocavam uma desestabilização na chamada cultura do racismo, presente nas relações sociais e também nas relações de poder, já que o racismo pode ser entendido como relações de poder, num sentido que

O exercício do poder não é simplesmente uma relação entre parceiros individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre os outros, [...] só há poder exercido por “uns” sobre os “outros”; o poder só existe em ato, mesmo que é claro, se inscreva num campo de possibilidades esparso que se apoia sobre estruturas permanentes (FOUCAULT, 1995, p.242)

A desestabilização nessas relações de poder do racismo será um fato desencadeado pelo corpo negro médico que agora circula nesses espaços, como uma insubmissão, uma resistência. É o que evidencia o seguinte relato de Luísa:

Eu tive pacientes que se recusaram a ser atendidos por mim, durante meu plantão, e eu não fazia mais questão de convencer as pessoas de serem atendidas por mim. (Relatos de Luísa)

Assim, como categoria de poder e resistência o corpo negro já falava por si. Ao se tornar uma expressão do poder, passou a ser um corpo negro que se apresentava, pondo-se a trabalhar pela saúde. No entanto, esse corpo negro foi capaz de conseguir seguir em frente diante da recusa de pacientes de receberem os atendimentos médicos somente pelo fato de tratar-se de corpos negros. Nesse jogo de relações de poder entre o racismo e os corpos negros, essas médicas seguem fazendo seus enfrentamentos. São corpos negros seguindo em frente, mais despojados, menos despreocupados, pois sabem que agora podem causar as desestabilizações no racismo estrutural, por onde passarem. A médica

Dandara também relatou ter passado por situações semelhantes de recusa, e suas atitudes também foram semelhantes às de Luísa, de não mais convencer pacientes. Ela demonstra saber como o corpo negro desestabiliza a cultura racista, conforme se percebe no relato a seguir.

Mas eu acho que só o fato de estar ali já desconstrói, e só de eu estar ali já incomoda, e já muda alguma coisa na cabeça da pessoa. Assim seria como um tapa na cara dos racistas quando eu dissesse assim “olha, eu sou negra e eu sou médica (Relatos de Dandara)

Nessa ressignificação elas fazem com que o próprio corpo inserido nesses espaços se torne para além de uma expressão de poder, de resistência, mas também de representatividade para as pessoas negras. Assim, a médica de corpo negro que agora circula, cujo corpo ocupa posições hierárquicas na posição do saber médico, se torna sinônimo de poder e de representatividade ao ser visto por seus pares negros. Isso pode ser percebido quando Luísa relata sobre suas primeiras experiências profissionais ao atender pessoas negras das camadas populares:

A população era quase toda negra e por isso eu era uma referência para eles. Quando vinham para a minha consulta a mãe acompanhando a filha adolescente, a mãe virava para a filha e falava: “Olha pra ela filha, ela é igual a nós, é negra. Você pode ser como ela.” Me usavam como exemplo e eu ficava feliz, porque era uma possibilidade que se abria para aquela população de ver que eles também podiam ser médicos. O fenótipo era parecido, as pessoas viam que eu era como elas, então elas falavam, que se eu era médica, eles também podiam ser, então isso foi uma experiência incrível para mim. (Relato de Luísa)

O corpo negro ao ocupar um lugar de representatividade para a população simboliza um marco nos processos de resistência, que foram e são possíveis porque esse corpo negro tornou-se um sinônimo de poder e a “resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; acontece que ela estabelece as relações de poder exatamente quando ela é, por vezes, o seu resultado” (REVEL, 2011, p.127) Assim, os corpos dessas médicas deixam de ser corpos dóceis, capturados, dominados, para se tornarem “pontos de resistência [...] distribuídos de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistências disseminam-se [...] provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento” (FOUCAULT, 2013, p.106). Dessa forma, a elevação desse corpo a uma categoria de poder pelo processo de ressignificação do corpo negro diz da relação do sujeito consigo próprio. Ao aceitarem externamente seu corpo, elas também se aceitam e conduzem suas vidas pessoal e profissional com mais leveza, mais alegrias, conforme os relatos de Josiane sobre o seu trabalho atual como médica generalista⁷:

Eu fiz visita domiciliar num lugarzinho que chama Seis Marias, lá em Crucilândia. E então, assim um povo diferente, um povo bom, não é só aquela figura do bom caipira, não, é porque eles são assim. E aí o povo chama você pra comer biscoito assado no forno na hora, eu voltei pra casa com 2 pés de alface, 7 folhas enormes de couve, 1 pouquinho de cebolinha e a última visita que a gente fez, eu comi uma broinha gostosa que eles fazem e colocam na lata e deixa uns 15 dias e quanto mais tempo vai passando, mais gostosa fica e com um café no copo, assim, um café delicioso. E então, é um povo, assim, muito simples, simples assim simples mesmo é um povo muito bom, então eu tive a oportunidade de ter experiências assim muito boas. Então, eu estou aprendendo a me admirar, eu entendo que eu sou importante pra cada pessoa que eu atendo, eu não sou uma médica perfeita; eu já não tenho a intenção de ser porque a perfeição é uma utopia. Não existe. Mas eu sei que eu estou dando o melhor que posso dar é o meu jeito, então eu me acho importante na vida das pessoas, graças a Deus.

⁷ Segundo informação da Josiane, ao concluir a graduação em medicina, todos formam como médicos generalistas. Clínico geral é uma especialidade e Joseane ainda não teve condições financeiras para pagar a residência médica.

(Relato de Josiane)

A busca diária e constante por uma auto definição faz parte dos processos de construção do sujeito, já que tornar-se sujeito para Foucault é um processo diário no qual é preciso “ocupar-se de si mesmo” (FOUCAULT, 2010b, p.159). Contudo, as médicas negras em virtude de seus processos de subjetivação se constituíram em sujeitos de diferentes tipos e seus corpos negros tornaram-se símbolos de poder e de “resistências no plural” (FOUCAULT, 2013, p.106). Isso porque, as resistências que essas médicas praticam com seus corpos não são fixas, imutáveis e mesmo que suas experiências sejam “casos únicos”, para todas elas as estratégias de resistências se tornaram “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício [pois que] não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder”. (FOUCAULT, 2013, p.107). Esses corpos negros que agora circulam, ocupam e permanecem nos espaços médicos, se tornaram “pontos de resistências móveis e transitórios que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando” (FOUCAULT, 2013, p.107). A remodelagem que cada médica foi construindo ao longo de seus processos de subjetivação e resistência lhes possibilitaram serem as médicas que são hoje, donas de corpos negros que abalam as estruturas racistas por onde passam, corpos negros empoderados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou relatos de cinco médicas negras que cursaram medicina na UFMG entre 2009 e 2014 para mostrar como as relações de poder atuam sobre seus corpos e as resistências criadas por elas para combaterem os atos de racismo sofridos. Por meio de seus corpos, entende-se que essas médicas se produziram como sujeitos que lutam contra o racismo estrutural existente em nossa sociedade por meio de diferentes estratégias. Foi possível perceber, no entanto, como o racismo ainda atinge essas médicas, mesmo após a finalização da sua trajetória escolar e em sua trajetória profissional. Nos relatos das médicas, elas expressam o sofrimento pelo qual passaram no ambiente escolar, onde se espera a formação humana e ética das pessoas. Há relatos de intolerância racial no meio acadêmico, tanto por parte de alunos como por parte de professores universitários que faziam piadas de negros sem atentar para alguns ali presentes, pois até então esse corpo negro só habitava aquele lugar para limpar sujeiras e não como aluno de medicina ou outro curso superior.

A proposta de apresentar os relatos das médicas negras sobre suas experiências com as práticas racistas durante a trajetória escolar procurou destacar que se torna fundamental implementar as discussões e o ensino sobre as diferenças raciais visando o entendimento das desigualdades existentes na sociedade brasileira. As pessoas negras durante toda a sua trajetória na vida escolar, inclusive no meio acadêmico, passam por experiências de racismo. Ainda é muito forte a presença em nossa sociedade do racismo estrutural e recreativo principalmente em relação à mulher negra. Essa questão racial envolvendo as pessoas negras e pobres que são vistas pela sociedade de uma maneira geral como inferiores, subalternas, propícias aos trabalhos pesados, vítimas constantes de violência e morte, precisa ser problematizada e ressignificada.

Promover o ensino das relações raciais conforme a lei federal 10.639/03 na educação básica pode ser uma estratégia para romper com as relações desiguais que existem ainda hoje. Trazer saberes diversos para o currículo escolar pode contribuir para uma educação antirracista e para problematizar o racismo arraigado na nossa sociedade, de maneira a permitir que corpos diversos ocupem espaços variados em nossa sociedade, promovendo a desestabilização das relações de poder existente e criando espaço para a resistência.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Edifício em construção ou em ruínas: dos usos e abusos do pensamento de Michel Foucault na Contemporaneidade. In: SOUSA, Kátia Menezes; PAIXÃO, Humberto Pires (Org.). **Dispositivos de Poder/saber em Michel Foucault** – biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios, 2015. p. 209-221.

- ALVES, Simone Silva; STOLL, Vitor Garcia; ESPINDOLA, Quelen Colman. (Re)Educação das relações étnico-raciais: ação-reflexão na formação de professores na educação básica. **Revista de Linguagens, artes e estudos em culturas**, v. 2, n. 1, p. 13-29, 2016.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BUTLER, Judith. **Relatar-se a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CALDEIRA, Maria Carolina. Dispositivos da infantilidade e da antecipação da alfabetização no currículo do primeiro ano do ensino fundamental: conflitos, encontros, acordos e disputas na formação das crianças de seis anos. **Tese de Doutorado**. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.
- CALDEIRA, Maria Carolina. Currículo de formação docente inicial e inclusão de estudantes PAEE: uma análise do Projeto Imersão Docente. **Educação**, 46(1), e55/ 1–27, 2021.
- CENSO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2013. **Resumo técnico Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Brasília, 2014. Disponível em: portal. Inep. gov.br/básica-censo. Acesso em: 22/11/2018.
- CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições - Manifesto por um pensamento da diferença em Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FOUCAULT, Michel. O anti- Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (Org.). **Dossiê Deleuze**. Rio de Janeiro: Holon, 1991
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert I.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Precisões sobre o Poder. Respostas a certas críticas. In: MOTTA, Manoel Barros (org). **Estratégia, Poder-Saber (Ditos e Escritos IV)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (org). **Ética, sexualidade, política (Ditos e Escritos V)**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 23 ed. São Paulo: Graal, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- GOELLNER, Vilodre Silvana. A produção cultural do corpo. In: GOELLNER, Vilodre Silvana; FELIPE, Jane; LOURO, Lopes Guacira. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. 2002. **Tese (Doutorado)**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: PucMinas, 2012.
- MATOS, Olgária. O corpo e o poder. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 24. n. 1, jan./marc./ 1984
- MIRANDA, Sheila Ferreira. O “feio e o belo”: reflexões sobre os efeitos de uma ideologia do corpo. **Psicolatina - Union Latino-americana de Entidades de Psicologia- ULAPSI** – 2011.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.
- OKSALA, Johanna. Liberdade e corpos. In: TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. trad. Fábio Creder. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- PARAISO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículos: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann: PARAISO,

Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

REVEL, Judith. **Dicionário de Foucault**. Trad. Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).